



PROVÍNCIA E METRÓPOLE NA TESSITURA POÉTICA
DRUMMONDIANA

COUNTRY AND METROPOLIS IN THE POETRY OF
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Valci Vieira dos Santos

SANTOS, Valci Vieira dos. Província e metrópole na tessitura poética drummondiana. *Revista Mosaicum*, Teixeira de Freitas, Jan./Jul. , n. 7, p. 93-110, 2008.

Resumo:

A poética drummondiana é esse emaranhado de possibilidades temáticas e leituras plúrimas. Emerge dele o decantado bloco temático Província/Metrópole. Dentre os inúmeros escritores que se debruçaram sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade, evidencia-se Affonso Romano de Sant'Anna. Pretendemos, com este trabalho, fazer uma releitura da leitura de Sant'Anna acerca da poesia dialética do poeta mineiro, que se desdobra em três momentos: "Eu maior que o Mundo", "Eu menor que o Mundo" e "Eu igual ao Mundo".

Palavras-chave: poética drummondiana, província, metrópole, literatura, sociedade.

Abstract:

The poetry of Carlos Drummond de Andrade is a mixture of thematic possibilities and multiform readings. From that mixture emerges the well-known thematic bloc country/ Metropolis. Among the countless writers who have made a study of the literary work of Carlos Drummond de Andrade, Affonso Romano of Sant'Anna engages special attention. We intend of this work - to make a rereading of Sant'Anna reading of the dialectic poetry of the poet from Minas Gerais, which is divided in three moments: "I greater than the World", "I smaller than the World" and "I identical with the World."

Keywords: poetic drummondiana, province, city, literature, society.

Estes poemas são meus. É minha terra e é ainda mais do que
ela. É qualquer homem ao meio-dia em qualquer praça. É a
lanterna em qualquer estalagem, se ainda as há.
C.D.A.

A relação Literatura e Sociedade nem sempre despertou a atenção de estudiosos e literatos. Por muito tempo, a literatura resumiu-se quase que exclusivamente à arte de escrever, sob as mais variadas formas.

Com o passar dos tempos, no entanto, essa realidade foi, aos poucos, se transformando. Com o advento da Revolução Francesa, as estruturas foram definitivamente abaladas. Os modelos clássicos, assim como a filosofia, em sua nova vertente política, passaram a ser vistos sob a óptica de novas razões. Até mesmo a literatura, centrada quase sempre nas discussões de seus escritores, passou a questionar o fazer literário. O surgimento de um novo público, de novos escritores e de novas destinações dos textos, impôs uma nova ordem social, até porque todo um mercado da literatura havia tomado outros rumos. “A literatura, dessa forma, passa a ser a expressão da sociedade”.¹

A nova sociedade acaba substituindo o “homem eterno”, com seu discurso idealista e negador da História, por um Homem que questiona sua relação com o mundo histórico. Tudo, em verdade, acaba por tornar-se histórico. A literatura, por seu turno, não poderia ficar imune a essa nova realidade e passa a perguntar-se sobre o que realmente faz, para que serve e o que significa.

O certo é que uma nova ordem mundial se instala no seio da relação entre literatura e sociedade, relação esta nem sempre amistosa. A respeito dessa interlocução, professora Maria Lajolo (1997) tem se pronunciado com muita propriedade, quando deixa claro que o espaço destinado à expressão das duas vozes, isto é, a do literário e a do social, não se manifesta apenas no campo do texto literário, mas também nas mais diversas instâncias culturais, dada à multiplicidade de representações que esses mesmos espaços oferecem aos leitores, por intermédio, sobretudo, de instituições legitimadoras de seu discurso. Vejamos a lucidez de suas palavras:

A relação entre a sociedade e a literatura, além de exprimir-se nas representações do social presentes no texto literário, não se esgota nisso: expressa-se também nas diferentes formatações do aparelho cultural necessário à prescrição de certas representações simbólicas e à proscrição de outras, através de instituições nas quais se produzem, legitimam e põem em circulação os discursos legitimadores das diferentes representações simbólicas. (LAJOLO, 1997, p. 92)

A mesma autora avança nas discussões a respeito dos campos de

atuação da literatura e da sociedade, e pretende deixar patente o imbricamento entre os dois terrenos. Para ela,

Tornam-se assim visíveis as inegáveis e inextrincáveis relações entre social e o literário: este último busca naquele valores e linguagens; e o social encontra, no literário, campo no qual expressar e conduzir celebrações e rompimentos de pactos (LAJOLO, 1997, p. 92).

Assim, não foram poucos os escritores da literatura universal, seja no texto narrativo, seja no poético, que entenderam perfeitamente o novo objetivo da arte literária. Na Literatura Brasileira, *verbi gratia*, inúmeros são os escritores que deram uma direção social aos seus textos. Carlos Drummond de Andrade é um desses escritores que muito se preocupou com temáticas que discutissem a sociedade e seus valores. E é por isso que sua poesia possui uma função social, no seu mais amplo sentido. Para T. S. Eliot, “a função social da poesia em seu mais amplo sentido: é isso o que, proporcionalmente à sua existência e vigor, afeta a fala e a sensibilidade de toda a nação” (1972, p. 29). A poética drummondiana enquadra-se perfeitamente nessa dimensão.

Foi justamente em decorrência dessa dimensão que a poética drummondiana logrou alcançar, é que objetivamos discutir algumas questões que versam sobre as relações sociais e o novo fazer literário, amparadas na análise de seus poemas, muito embora o estudo da poesia de Carlos Drummond de Andrade seja um empreendimento não dos mais fáceis, sobretudo se levarmos em conta a complexidade que envolve o conjunto de sua diversificada temática.

Existem diversos blocos temáticos que compõem o todo de sua obra – terra, ironia, destruição, gauchismo ou *gaucherie*, família, província, metrópole, dentre outros -, os quais formam um corpus complexo, mas coerente. Emerge desse corpus um vasto sistema de oposições constantes na obra: instante-eternidade, construção-destruição, claro-escuro, província-metrópole, essência-aparência, etc.

Neste estudo, procurou-se trabalhar a oposição Província-Metrópole a partir de uma releitura bibliográfica centrada no crítico literário, Affonso Romano de Sant’Anna. Este, por seu turno, em seu livro “Carlos Drummond e Andrade: análise da obra”, traça a trajetória do poeta com base em três estágios ou momentos: “Eu maior que o Mundo”, “Eu menor que o Mundo” e “Eu igual ao Mundo”. Não foi outro o objetivo deste texto senão o de fazer uso do expediente empregado pelo crítico em questão, correlacionando, dessa forma, o elemento província ao momento “Eu maior que o Mundo”; metrópole a “Eu menor que o Mundo” e, por fim, a relação PROVÍNCIA-METRÓPOLE ao estágio “Eu igual ao Mundo”.

Mas não é tudo. Considerando a presença constante do bloco temático PROVÍNCIA-METRÓPOLE, que se encontra do início ao fim

da obra drummondiana, acredita-se que se buscou trabalhar o tema com fulcro em análise de poemas que deixam patente a existência desse bloco aparentemente opositor, dando ênfase às questões sociais neles discutidas.

Cumprido salientar que a escolha dos poemas analisados não obedeceu a critérios previamente definidos; levou-se em consideração tão somente a seleção daqueles em que aparece a relação entre os dois espaços, i.e., província-metrópole, de forma mais acentuada.

A trajetória da poesia drummondiana

Carlos Drummond de Andrade é reconhecido em todo o Brasil como um dos grandes poetas. Sua poesia ocupa uma posição inconfundível no lirismo brasileiro. Soube captar como ninguém as realidades simples e cotidianas de sua gente. Intérprete por excelência do homem comum.

A poesia de Drummond possui claramente os sentidos social e político, na sua significação maior. Não se trata de poesia meramente sentimental à qual muitos estão acostumados. É preciso, pois, compreender a diversificação de seus temas e a absoluta integridade formal de todos eles.

Entender a trajetória da poesia drummondiana significa entender a cronologia da composição dos poemas a fim de extrair-lhe a coerência íntima.

Diversos críticos da produção poética de Carlos Drummond de Andrade têm caminhado nem sempre numa mesma direção no que diz respeito ao traçado desta trajetória.

Procurou-se, nesta exposição, fazer uso da divisão da trajetória do poeta em cinco períodos, adotada por John Gledson, em sua “Poesia e Poética de Carlos Drummond de Andrade”, 1) “Alguma Poesia”- 1930; 2) “Brejo das Almas” – 1934; 3) “Sentimento do Mundo”, “José”, “A Rosa do Povo”- 1940, 1942, 1945, respectivamente; 4) “Novos Poemas”, “Claro Enigma”, “Fazendeiro do Ar”, “A Vida Passada a Limpo”- 1948, 1951, 1954, 1958, respectivamente; 5) “Lição de Coisas” e os livros mais recentes – 1962.

“Alguma Poesia” (1930), livro de estréia do poeta, reúne trabalhos que vinham sendo escritos desde 1925. Nessa obra, o autor apresenta sua visão de mundo, sua gente, sua província e o seu eu, e de um modo muito particular, próprio do poeta. A obra de estréia provocou a reação tanto do público como da crítica, dividindo opiniões entre ataques e elogios.

“Alguma Poesia” continua sendo uma das obras mais populares de Carlos Drummond de Andrade, principalmente por causa dos poemas “No meio do caminho” e “Poema de sete faces”. O primeiro causou grande frisson quando de sua publicação, muito embora tenha sido publicado pela primeira vez em junho de 1928, na Revista de Antropofagia.

Os críticos tendem a não dispensar maiores deferências a “Algu-

ma Poesia”, talvez pelo fato de vê-la como uma preparação para o amadurecimento poético ulterior, a despeito de conter, em seus versos, uma rara mistura de succès de scandale e de succès d’estime.

“Brejo das Almas”, obra pertencente ao segundo período, de acordo com a classificação apresentada, é fruto de uma crise. A situação política tem o seu papel determinante por ocasião de seus escritos. O período tumultuado de 1930 teve uma repercussão profunda na época, e pode-se dizer que, de certa forma, “Brejo das Almas” foi escrito “em face dos últimos acontecimentos”.

Em “Brejo das Almas” encontramos um poeta já interpretativo. A sua leitura de mundo deixa a alma atormentada. A citação que se segue foi extraída do artigo “Notas sobre um dos Aspectos da Evolução da Poesia de Carlos Drummond”, de autoria de Abgar Renault (1941):

É nesse livro que se começa, a meu ver, a largar muito da sua gaucherie de homem, da sua tormenta defensiva contra as causas e os seres, da sua desconfiança, do seu pudor ou do medo de entregar aos seus sentimentos a íntegra de sua poesia, isto é, da sua alma, para surgir amplo, completo, tal como é, em Sentimento do Mundo.

No terceiro período aparece o trinômio SENTIMENTO DO MUNDO – JOSÉ - A ROSA DO POVO. A temática centraliza-se numa tensão entre o eu e o mundo. Há, em verdade, “o processo de exploração do mundo pelo eu e a sua forma está determinada por este fato”. (GLEDSON, 1981, p. 113).

Em “Sentimento do Mundo”, o poeta se mostra contemplador, como nos poemas “Revelação do subúrbio” e “Noturno à janela do apartamento”. Drummond se vê como membro de uma classe, limitado, inclusive em sua condição humana. A alienação aparece em vários contextos dos poemas, significando ora indiferença ora divisão de classes ou alienação temporal.

Em “José”, o Drummond-ator se vê cada vez mais presente no mundo. Assume vários papéis ou personae, perdendo aos poucos a condição de contemplador de “Sentimento do Mundo”. A oposição que se coloca entre o provinciano, morador da pequena Itabira do Mato Dentro, e o habitante de um prédio moderno de apartamentos, se manifesta no próprio José, burguês, mineiro, intelectual, o poeta alienado. Distingue-se, assim, o poeta como ator e o mundo como um grande palco onde desempenha seu papel.

Em “A Rosa do Povo” dá-se a unidade do poeta e do mundo ao seu redor, muito embora essa unidade não causa abolição do eu como sujeito independente. O poeta se enxerga não só como membro da sociedade, mas também como indivíduo questionador, rebelde. Fácil é perceber a existência de uma atitude paradoxal no comportamento do poeta, pois, ao

mesmo tempo em que ele fala como um indivíduo independente, se considera um prisioneiro de sua sociedade.

As obras “Sentimento do Mundo” e “A Rosa do Povo” servem de testemunho da reação do poeta frente à dor coletiva e à miséria do mundo, com seu materialismo, seu mecanicismo, sua falta de humanidade. Segundo Afrânio Coutinho, na nota editorial constante da obra “Carlos Drummond de Andrade – Poesia e Prosa” (1983, p. 11):

[...] essa fase enriqueceu sua essencialidade lírica e emocional, e, através da profunda consciência artística, o poeta atingiu a plenitude, a cristalização, a humanização, sob uma forma suave e terna, em que o itabirano mergulha no lençol profundo de sua província e de seus antepassados, para melhor compreender a “máquina do mundo”, a angústia de seu tempo, o desarvoramento do homem contemporâneo, com um largo sentimento de fraternidade.

“Novos Poemas”, “Claro Enigma”, “Fazendeiro do Ar” e “A Vida Passada a Limpo” fazem parte do quarto período. Em “Novos Poemas”, o poeta se apresenta como tradicionalista, conservador, cínico, em oposição a não-radical, modernista, idealista, etc.; em “Claro Enigma”, ele retoma a paisagem urbana e movimentada, o progresso que sinaliza outros ventos, a exemplo do poema “Contemplação no banco”. Em “Fazendeiro do Ar”, o poeta público volta a se fazer presente, embora de modo diferente. Há, aqui, a noção de que a poesia nasce de uma circunstância e de que ela é por condição e natureza “a arte de transfigurar as circunstâncias”. O amor é figura central em “A Vida Passada a Limpo”. O eu poético se sente cada vez mais limitado e cercado de trevas. Em verdade, o amor mantém a ilusão de liberdade, até da possibilidade de renascer neste universo.

Por fim, no último período, aparecem “Lição de Coisas” e os livros mais recentes, os quais são testemunhos vivos da capacidade do poeta para mudanças e inovações criadoras. Esses livros demonstram a coerência existente em toda a sua obra.

Os elementos gauche, família e tempo na compreensão da trajetória

A trajetória da produção literária drummondiana se inicia com a figura do gauche que se fez presente em todo o conjunto da obra, como num movimento de circunscrição em torno de seu mundo: o mundo poético do autor.

Parece ter sido Mário de Andrade o primeiro a notar a existência de traços psicológicos do autor sobre a personagem gauche:

A análise de “Alguma Poesia” dá a medida psicológica do poeta. Dese-

jaría não conhecer intimamente Carlos Drummond de Andrade pra melhor achar pelo livro o tímido que ele é. Pra ele se acomodar carecia que não tivesse nem a sensibilidade nem a inteligência que possui. Então dava um desses tímidos “só tímidos, tão comuns na vida, vencidos sem saber o que são, cuja mediocridade absoluta acaba fazendo-os felizes!” Mas Carlos Drummond de Andrade, timidíssimo, é ao mesmo tempo inteligentíssimo e sensibilíssimo [...] E desse combate toda a poesia dele é feita (ANDRADE, 1974, p. 50).

Assim, o *gauche* é aquela personagem tímida que assiste a tudo e a todos à distância. Coloca-se num canto, quase que num anonimato, mas acha-se atento aos movimentos que se desenrolam à sua vista. Dá-se a tomada de consciência do poeta de sua própria constituição psicológica.

No “Poema de Sete Faces”, do livro “Alguma Poesia”, aparece o *gauche*, que se encontra deslocado, à margem dos acontecimentos, mas que consegue tomar uma posição:

QUANDO NASCI, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida. (C.D.A. p.4)

A primeira estrofe do poema intitulado “Poema de Sete Faces”, acima transcrita, dá-nos uma dimensão de como o poeta sente o conflito que se instala no seu eu. É o *gauche* à procura de libertação, isto é, seu desejo de sair de uma condição que o incomoda. Emerge uma voz que o impulsiona em direção à mudança.

Nesse primeiro momento, o bloco Província-Metrópole parece estar relacionado a duas vertentes: de um lado, às pequenas cidades, social e historicamente presas ao estilo simples de vida; de outro, às metrópoles, surgindo em meio aos avanços das técnicas urbanísticas do início do século XX.

Num segundo momento, tem-se o *gauche* que se desloca da capital da província (Belo Horizonte) – antes feito oposição às cidades do interior – para a Metrópole, representada pela cidade do Rio de Janeiro. A transferência do poeta para a cidade litorânea vai influenciar peremptoriamente sua produção literária, demarcando os espaços que correspondem à província e metrópole.

O segundo elemento a ser considerado, para melhor entender a trajetória do poeta é a família. É nela que se dá a gênese do conflito. Em Drummond, além dos traços psicológicos influenciando fortemente a personagem *gauche*, encontra-se, também, um outro dado de suma importância desse deslocamento, ou seja, da necessidade de transferir-se da Província para a Metrópole, que é a questão socioeconômica. Assim, a poesia drummondiana constitui-se num testemunho vivo a respeito da desintegra-

ção familiar e seus reflexos na psicologia individual.

O tempo é mais um elemento a ser analisado, já que sua compreensão implica perceber que o *gauche*, antes parado num canto sombrio e torto, a espiar o que se passa ao seu redor, começa a se mover e a explorar o espaço e o tempo.

O tempo é determinante, também, no deslocamento do *gauche* da província para a metrópole, que acaba por acontecer em 1934. Essa posição, antes espacial, converge numa percepção mais aguda do tempo. Assim, a experiência do tempo no poeta pressupõe uma alteração do ser, isto é, há alteração em sua condição de simples espectador, para integrar-se na cena, tomando consciência de si através de relacionamento com o temporal. Sente-se toda uma contaminação de temporalidade, e o que antes se constituía numa exterioridade estática, passa, agora, a uma movimentação interior, pois o tempo já não é mais um valor independente, à revelia do sujeito, portanto, mas algo que o poeta persegue e conquista.

O tempo, em verdade, passa a ser elemento indispensável para o entendimento do percurso poético construído por Drummond. O tempo em suas mais diferentes manifestações: o passado, responsável pelas lembranças, sobretudo familiares; o presente, sua grande “matéria”, principalmente porque, “ao princípio da descoberta e conquista do tempo, o poeta está inteiramente comprometido com sua tarefa, e inicia por onde o tempo primeiro se divisa: pelo presente” (SANT’ANNA, 1980, p.80); e o futuro, esse tempo incerto, daí a necessidade de estar preso aos acontecimentos que não lhe escapam ao seu alcance.

Os versos abaixo, extraídos do poema “Mãos dadas”, do livro “Sentimento do Mundo”, nos fornecem uma noção da representatividade do tempo em sua poética:

O tempo é a minha matéria,
O tempo presente, os homens
Presentes, a vida presente. (C.D.A. p.68)

Corresponde o tempo presente, também, a um espaço social e histórico definido. O tempo, aqui, remete o poeta à Metrópole, ciente de todas as repercussões que a nova ordem mundial impusera. Sente, como ninguém, o acirramento das questões ideológicas entre o capitalismo e comunismo, a ascensão do nazismo e do fascismo, bem como a deflagração da Segunda Guerra Mundial, e suas graves influências em território nacional.

O *gauche* de então é aquele ser voltado totalmente para a realidade, seu corpo está se transformando em consciência dessa mesma realidade. Este estado de consciência acaba por causar-lhe “náusea”, e o leva a “vomitar esse tédio sobre a cidade”, como num reconhecimento de sua

pequenez diante do mundo:

Preso à minha classe e a algumas roupas,
Vou de branco pela rua cinzenta.
Melancolias, mercadorias espreitam-me.
Devo seguir até o enjôo?
Posso, sem armas, revoltar-me? (C.D.A. p. 97)

A oposição no bloco temático Província-Metrópole no lirismo drummondiano e a questão social

Retoma-se, nesta proposição, o conflito espacial do *gauche*, aquele indivíduo que assume um novo aspecto na oposição província vs. metrópole. Essa retomada, no entanto, adquire uma outra dimensão.

Buscou-se, pois, de forma despretensiosa, dilatar um pouco mais a temática província-metrópole, já que Affonso Romano de Sant'Anna apenas dedica algumas páginas de sua obra à análise do tema. Nota-se, entretanto, não ter sido esse o seu objetivo, isto é, o de centrar-se num estudo mais aprofundado acerca do bloco temático em evidência.

A retomada do tema sob outra dimensão, significa que, em função da constante presença destes elementos opostos – província-metrópole – do início ao fim, no conjunto da obra do poeta, achou-se por bem corroborar-la a partir da análise de diversos poemas, constantes de livros pertencentes aos diferentes momentos da produção literária de Drummond.

Tal comprovação, acredita-se, proporciona ao leitor da poesia drummondiana, maior compreensão de sua trajetória poética, pois que ela se arma em três momentos que se complementam, consoante Affonso Romano de Sant'Anna: “Eu maior que o Mundo”, “Eu menor que o Mundo” e “Eu igual ao Mundo”.

Província: Eu maior que o mundo

A figura da província aparece já acentuadamente nos diversos poemas que compõem “Alguma Poesia”. Itabira, terra natal do poeta, representante maior desta figura, aparece no poema curto que leva seu nome:

Cada um de nós tem seu pedaço no pico do Cauê.
Na cidade toda de ferro
As ferraduras batem como sinos.

Os meninos seguem para a escola.

Os homens olham para o chão.
Os ingleses compram a mina.

Só, na porta da venda, Tutu Caramujo cisma na derrota incomparável.
(C.D.A. p. 11)

O poeta volta-se para a pequena cidade de Itabira, onde se acha parte dela, mas deixa transparecer sua inquietação acerca da exploração das reservas naturais de hematita. É como se o “progresso” iminente viesse retirar-lhes a tranquilidade dos dias que correm nas ruas das cidadezinhas.

Mas o *gauche* que está a contemplar esse estado de coisas acha-se maior que o Mundo. Sua condição de contemplar à distância impede-o, ainda, de deslocar-se do canto-província, e assume, por vezes, um comportamento eminentemente egocêntrico e irônico. Os versos “Mundo mundo vasto mundo, / mais vasto é meu coração”, em “Poema de Sete Faces”, corroboram tal assertiva.

Em “Cidadezinha qualquer”, do livro “Alguma Poesia”, o poeta descreve a vida simples e pacata interiorana, seu jeito “devagar” de ser. Aliás, o verbete devagar dá o tom do poema. O *gauche* volta a exercer seu papel de observador, atento à cadência dos habitantes e dos acontecimentos da cidadezinha. Veja-se:

Casas entre bananeiras
Mulheres entre laranjeiras
Pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar ... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus. (C.D.A. p. 21-22)

Volta o elemento província a constar de seu segundo livro, “Brejo das Almas”. Em “O Vôo sobre as igrejas”, um dos poemas que compõem o aludido livro, o poeta descreve a Minas barroca, as cidades que formam o conjunto arquitetônico histórico. Descreve, ainda, o trabalho desenvolvido por seu artista maior, Aleijadinho, bem como o ritmo sincronizado de religiosos e fiéis que seguem em romaria pelas ruas centenárias das cidades históricas. Mas o poeta, ao final do poema, faz uso do verbo “ser” no passado, deixando transparecer que tudo aquilo se encontra apenas em

suas memórias.

Como último referencial a respeito do elemento província, cita-se a obra “Boitempo”, muito embora ele se faz presente nos demais livros que se encontram entre esta e “Alguma Poesia”, pois são eles “a capa e contracapa de uma obra”.

O livro “Boitempo” está repleto de poemas que tratam da temática província. Diríamos tratar-se de um “prato cheio” para aqueles que gostam de debruçar-se sobre esse tema.

O vocabulário utilizado pelo poeta, bastante peculiar, remete o leitor às coisas de interior, ao *modus vivendi* interiorano: suas histórias, seus encantos e desencantos, enfim, seu jeito simples de ser. Nota-se, aqui, como em outros momentos, o sentido social, bem como o sentido “político” que a poesia de Carlos Drummond de Andrade possui. Sentido social e “político”, na significação mais alta da palavra, consoante Otto Maria Carpeaux. Claro, portanto, é perceber o quanto tem relevância a poesia de Drummond. Cada verso, cada poema, cada discurso serve de denúncia. Denúncia, v.g., aqueles que insistem em manter o status quo de uma época, sem abertura de espaços para que a voz do outro ecoe e ressoe, atitudes que contrariam o curso da história, e que, portanto, servem de óbice para aqueles que, apesar de estarem “taciturnos [...] nutrem grandes esperanças”.

Dessa forma, o conjunto da poética drummondiana revela-nos seu flagrante compromisso com a sociedade, ou seja, ao produzir textos literários que captem as necessidades sociais, a ambiência política e sintonizados com as mais diversas nuances pessoais e coletivas de um povo, de uma cultura, de uma nação. Percebe-se, pois, a estreita ligação entre literatura e sociedade, tão bem representadas em seus poemas.

O poema “Repetição”, do livro citado anteriormente, traduz a tônica do tema central, i.e., o elemento província. Trata-se, em verdade, de um, dentre uma miríade de poemas, que evidencia a constante interlocução entre literatura e sociedade:

Volto a subir a Rua de Santana.
De novo peço a Ninita Castilho
a Careta com versos de Bilac.
É toda musgo a tarde itabirana.

Passando pela Ponte, Luís Camilo
(o velho) vejo em seu laboratório-
Oficina de mágico sardônico.
Na Penha, o ribeirão fala tranqüilo

que Joana lava roupa desde o Império

e não se alforriou desse regime
por mais que o anil alveja a nossa vida.

Ô de casa! ... Que casa? Que menino?
Quando foi, se é que foi – era submersa
que me torna, de velho, pequenino?

Itabira, que não é uma cidade aos moldes do Rio de Janeiro, exerce forte influência na produção social e política do escritor, servindo-lhe de atração inesgotável até nos seus últimos dias.

O distanciamento do poeta de sua cidade natal leva-se à compreensão de sua atitude com a Itabira e o passado em maior detalhe, vindo o testemunho dos escritos em prosa. Nestas palavras, Drummond faz descrição de uma Itabira pertencente ao passado, mas que se torna curiosamente eterna:

A cidade, entretanto, continuava o mesmo aglomerado de casas desiguais, nas ruas tortas grimpendo ladeiras. Um silêncio grave envolvia todas essas coisas, e impregnava-as de uma substância eterna, indiferente à usura dos materiais e das almas. Dessa maneira ela se preserva da destruição. Hoje, amanhã, daqui a cem anos, como há cem anos atrás, uma realidade física, uma realidade moral se cristalizam em Itabira. A cidade é parálitica. Mas de sua paralisia vêm a sua força e a sua permanência. Os membros de ferro resistem à decomposição. Parece que um poder superior tocou esses membros, encantando-os. Tudo aqui é inerte, indestrutível e silencioso. A cidade parece encantada. E de fato o é [...].

Assim, a província constitui-se num lugar de onde o poeta enxerga, à distância, os movimentos que o circundam. A província representa o canto em cujo espaço o *gauche* se coloca, a fim de melhor exercitar sua visão, a fim de melhor preparar-se para sair da condição de observador, para também interventor.

Metrópole: Eu menor que o mundo

A Metrópole, segundo componente do bloco temático, passa a fazer parte da vida do *gauche*, que já se deslocara do canto-província para deparar com uma nova realidade. E, à medida que essa realidade vai se acentuando, o poeta a sente pesar sobre seus ombros, aí ele se acha quebrantado e diminuto: “Não, meu coração não é maior que o Mundo / é muito menor”, em “Mundo Grande”, poema do livro “Sentimento do Mundo”.

Nesse estágio, o poeta já tomou consciência de seu Ser. Trava-se uma guerra interna quando descobre que o mundo é mais vasto do que

imaginara. Em função de ele deparar-se com uma nova realidade, percebe-se de que o tratamento dado à temática social acaba por configurar-se. A Metrópole é, dessa forma, o espaço físico por excelência para o gaúcho que, há pouco, se deslocara do canto-província à procura de respostas para a sua multiplicidade de indagações, indagações essas fruto de sua experiência como grande observador do mundo.

O poema “Coração Numeroso”, do livro “Alguma Poesia”, transcrito abaixo, em sua integralidade, traduz o sentimento do poeta na cidade grande. O uso de verbos que denotam ação e movimento (batiam, passava, tilintavam, soprava, etc.) denuncia o estado d’alma do poeta na Metrópole:

Foi no Rio.

Eu passava na Avenida quase meia-noite.

Bicos de seio batiam nos bicos de luz estrelas inumeráveis.

Havia a promessa do mar

e bondes tilintavam,

abafando o calor

que soprava no vento

e o vento vinha de Minas.

Meus paralíticos sonhos desgosto de viver

(a vida para mim é vontade de morrer)

Faziam de mim homem-realejo imperturbavelmente

na Galeria Cruzeiro quente quente

e como não conhecia ninguém a não ser o doce vento mineiro,

nenhuma vontade de beber, eu disse: Acabemos com isso.

Mas tremia na cidade uma fascinação casas compridas

autos abertos correndo caminho do mar

voluptuosidade errante do calor

mil presentes da vida aos homens indiferentes,

que meu coração bateu forte, meus olhos inúteis choraram.

O mar batia em meu peito, já não batia no cais.

A rua acabou, quede as árvores? A cidade sou eu

a cidade sou eu

sou eu a cidade

meu amor.

Ao lermos o poema acima, percebemos que, na Metrópole, “a performance do gaúcho” se acentua à medida que ele toma conhecimento

de sua realidade. Mas o poeta provinciano, que se predispôs a sair de seu canto e vislumbrar novas possibilidades de crescimento na Metrópole, vai, aos poucos, se conscientizando das adversidades que lá existem. Nascem, então, as antíteses cristalizadas em vida e morte. O poeta aumenta sua “lutte intérieure”, e, ao mesmo tempo em que conquista a cidade, acaba por pressentir sua destruição face à complexidade e aos desejos intensos do homem urbano. Ao inserir-se no contexto da cidade grande, ele passa a viver suas angústias, medos, mas também busca realizar-se e se remete constantemente ao passado, às lembranças.

Dessa forma, a identificação do poeta com o *modus vivendi* agitado da cidade grande acontece num processo paulatino. No aludido poema, o que antes era apenas “a promessa do mar”, agora esse mesmo mar que batia no cais, bate em seu coração. Tem-se, assim, de forma incipiente, o estado contemplativo e observador do *gauche*, mas que rapidamente se transforma no transeunte co-partícipe da realidade local. No dizer de Affonso Romano de Sant’Anna: “A cidade é uma extensão do homem, e assim como edificar uma metrópole é prolongar o corpo no tempo e no espaço, assistir ao desmonte das casas e prédios é compreender a desintegração das formas vitais em nosso corpo” (SANT’ANNA, 1980, p. 149)

O poema “A um Hotel em Demolição”, do livro “A Vida Passada a Limpo”, demonstra essa condição de a cidade, num dado momento, ser a extensão do homem. A idéia de destruição funciona como uma síntese das imagens que perpassam pela cabeça do *gauche*: casa-edifício-cidade. Instala-se, assim, a oposição do estar e ao mesmo tempo do não estar na Metrópole:

.....
Todo hotel é fluir. Uma corrente
atravessa paredes, carreando o homem,
suas exalações de substância. Todo hotel
é morte, nascer de novo; passagem; se pombos
nele fazem estação, habitam o que não é de ser habitado
mas apenas cortado. As outras casas prendem
e se deixam possuir ou tentam faze-lo, canhestras.
O espaço procura fixar-se. A vida se espacializa,
modela-se em cristais de sentimento.
.....
o corredor cria outro corredor
homem quando nudez indefinidamente. (C.D.A. p. 295)

Acreditamos que a figura do hotel, presente no poema acima, pode constituir-se numa metáfora da grande cidade. O hotel, bem como a metrópole, é esse espaço por onde transitam pessoas das mais diversas

procedências, anônimas, portanto. A fugacidade dos encontros, mas também das despedidas, nos corredores de um hotel, nas ruas e avenidas de uma grande cidade, denota a superficialidade de sentimentos, e por isso o poeta sente-se só e desabafa nestes versos que compõem também o poema: “Eras solidão tamoia / vir-a-ser de casa / em vir-a-ser de cidade onde lagartos” (C.D.A. p. 296).

Província-Metrópole: Eu igual ao mundo

O gauche provinciano, antes considerado “eu maior que o mundo”, uma vez em contato com a Metrópole, se acha “menor que o mundo”. Mas o seu contato com a nova realidade, o coloca diante de outro estágio: o equilíbrio. Dá-se, dessa forma, a interação do gauche-sujeito com o mundo-objeto. Nessa fase, o poeta já percorreu grande parte de sua trajetória sobre o mar do tempo. E esse percurso proporciona a adoção de um lirismo mais puro. O que há, em verdade, é uma complementação dos três momentos: Eu maior Mundo, Eu menor Mundo e Eu igual Mundo.

O equilíbrio que o poeta alcança no terceiro estágio não deve ser visto como aquele equilíbrio vulgarmente considerado, isto é, como se o poeta fosse “atraído ou solicitado por forças cuja resultante é nula”. Até porque o sujeito e o objeto se interpenetram dialeticamente. Equilíbrio do ponto de vista do amadurecimento poético, mas que não o torna conformado com o seu status quo. Ao contrário, o contato do gauche com a Metrópole leva-o ao conflito espacial, dando-lhe condições de reinterpretar sua província do modo idealístico.

Em verdade, até mesmo porque os livros que traduzem esse momento assim o dizem, a exemplo de “Claro Enigma” e “Lição de Coisas”, essa atitude marca, no poeta, um sentimento de vazio que espreita o desencanto, daí as palavras contundentes, tão bem trabalhadas no conjunto de poemas que formam esse momento, denotarem pesquisa, trabalho, desintegração, daí o desencadeamento de sensações mediante um processo de negações e interrogações.

Não são poucos os poemas drummondianos que colocam o poeta na condição de “displaced”. Dá-se essa comprovação com excertos transcritos do poema “A Carlito”, do livro “Lição de Coisas”:

.....
O mito cresce Chaplin, a nossos olhos
feridos do pesadelo cotidiano.
O mundo vai acabar por mão dos homens?
A vida renega a vida?
Não restará ninguém para pregar
o último rabo de papel na túnica do rei?

Ninguém para recordar
que houve pelas estradas um errante poeta desengonçado,
a todos resumindo em seu despojamento?
Perguntas suspensas no céu cortado
de pressentimentos e foguetes
cedem à maior pergunta
que o homem dirige às estrelas.
Velho Chaplin, a vida está apenas alvorecendo
e as crianças do mundo te saúdam. (C.D.A. p. 322-323)

A leitura do poema acima nos dá a dimensão da poesia metafísica de Drummond, com seus sucessivos questionamentos a respeito da vida e dos homens.

Esses múltiplos questionamentos revelam os sentimentos do poeta nessa fase intitulada “Eu igual ao mundo”. Ao deparar-se com a dura realidade de seu cotidiano, resta ao poeta lançar-se ao mar de incertezas, na tentativa de entender os dois mundos: o eu-interior e o mundo-exterior. O grande leitor de coisas do mundo, o velho Chaplin, torna-se, também, o companheiro do poeta, para quem ele dirige suas angústias e desencantos. Talvez na esperança de ser compreendido por alguém que, por muitas vezes, foi incompreendido, ao ousar pintar quadros com cores não convencionais.

Assim, a viagem à procura do Ser continua. Entre um espaço e outro, entre um tempo e outro, o poeta se reintegra depois de ter se apartado na procura de si mesmo por intermédio do tempo. Já se realiza a completude do ciclo em torno de si mesmo em movimento aberto. O poeta consegue fazer a travessia do tempo pela poesia. A oposição e o conflito continuam a existir, pois fazem parte de seu périplo. Em verdade, há o cumprimento desse périplo a partir da existência dos contrários.

Uma tentativa de conclusão

Refletir acerca da contribuição da poética de Carlos Drummond de Andrade à literatura brasileira, perpassa, necessariamente, pela compreensão da trajetória do autor percorrida no cenário nacional. Desde o instante em que se coloca no canto, assumindo a sua condição de displaced, de gauche, a preocupação com questões universais – sociedade urbano-industrial, questões de ordem econômica e político-cultural, luta desigual entre oprimido e opressor, etc. -, passam a fazer parte, marcadamente, da matéria-prima responsável pela construção dos textos do poeta.

Nessa relação que ele estabelece com a sociedade de seu tempo, do tempo presente, nota-se seu profundo comprometimento com a nova rea-

lidade social concreta. O poeta consegue, de forma magistral, discorrer sobre assuntos que estavam na ordem do dia, dentre eles o sistema patriarcal e a sociedade de massa. Nesse processo de evolução, onde Itabira representa o sistema patriarcal e o Rio de Janeiro a sociedade de massa, a consciência aguda do poeta flagra o indivíduo moderno, ansioso por mudanças, mas que se sente, num dado momento, “esmagado por uma estrutura social cada vez menos à medida do homem” (MERQUIOR, 1975, p. 243),

Assim, na tentativa de chegarmos a alguns pontos de vista acerca desse percurso proposto pelo poeta, por intermédio de sua poética, claro nos fica que o conjunto de sua obra acha-se perfeitamente sintonizada com a evolução social e cultural do país. Drummond, poeta por excelência, é o grande mestre, artesão, garimpeiro das palavras, principalmente na arte de evidenciar a complexa, mas indispensável interlocução entre Literatura e Sociedade.

Registramos, em última análise, as palavras de José Guilherme Merquior, em seu “Verso universo em Drummond”, que, com sua flecha certa, sentenciou:

Poderíamos talvez partir de uma expressão do decano da crítica brasileira, Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima). [...] Drummond é considerado como “uma espécie de Baudelaire da nossa poesia moderna.” Esta fórmula feliz exige desenvolvimento. Pois Baudelaire é, por um lado, o introdutor da sensibilidade moderna, isto é, da experiência existencial do homem da grande cidade e da sociedade de massa, na alta literatura lírica; e, por outro, o fundador de uma escrita poética moderna, escrita de ruptura radial ao mesmo tempo com a tradição clássica e com o romantismo (MERQUIOR, 1975, p. 243).

Notas

1 Expressão cunhada a partir da famosa frase “A literatura é a expressão da sociedade”, pertencente a Bonald, lançada num artigo intitulado *Mercure de France* (1806).

2 “Em face dos últimos acontecimentos” é título de um dos poemas que compõem o livro “Brejo das Almas”.

3 A partir de agora, todas as citações alusivas aos poemas de Drummond serão referenciadas pela sigla C.D.A., extraídas da obra “Carlos Drummond de Andrade: Poesia e Prosa”, volume único, uma publicação da Editora Nova Aguilar, de 1988.

4 “Vomitare esse tédio sobre a cidade”: trata-se de um dos versos do poema “A Flor e a Náusea”, do livro “A Rosa do Povo”.

5 Nome dado à obra em homenagem a um dos municípios mineiros onde os cereais são cultivados em maior escala.

6 Costuma-se referir às duas obras, ou seja, “Alguma Poesia” e “Boitempo”, como os dois livros que compõem a grande fase poética de Carlos Drummond de Andrade: o primeiro inicia-a e o segundo encerra-a. Por isso a expressão “a capa e contracapa de uma obra”.

7 Verso do poema “Mãos Dadas”, do livro “Sentimento do Mundo”

8 Equilíbrio: verbete com definição em consonância com o MICHAELIS – Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Melhoramentos.

Artigo recebido e aprovado em abril de 2008.

Referências

- ADORNO, Theodor W. *Lírica e Sociedade*. In: BENJAMIN, Walter et alii. *Textos escolhidos*. S. Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. 5. ed. Reimpressa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1983.
- ANDRADE, Mário de. *Aspectos da literatura brasileira*. 5. ed. São Paulo, Martins; Brasília, INL, 1974.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BRAYNER, Sônia. *Carlos Drummond de Andrade: fortuna crítica*. Rio de Janeiro: Civilização, 1978.
- ELIOT, T. S. A função soial da poesia, In: _____ *A essência da poesia*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- GLEDSON, John. *Poesia e poética de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- LAJOLO, Marisa. In: ORLANDI E. et al. *Sociedade e linguagem*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997. p. 53-92.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- MORAES, Emanuel de. *Drummond rima Itabira mundo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.
- RENAULT, Abgar. Notas sobre um dos aspectos da evolução da poesia de Carlos Drummond de Andrade. Belo Horizonte: *Revista Acadêmica*, n. 56, jul 1941.
- RODRIGUES, A. Medina et al. *Antologia da literatura brasileira: textos comentados*. São Paulo: Marco, 1979. v. 2.
- SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de teoria literária*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- TELES, Gilberto Mendonça. *Drummond: a estilística da repetição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.